A princesa Magia

Romance gótico

Tom Azevedo

Para Sandra

A princesa Magia

Parte 1

Uma princesa se perdeu certa noite na floresta e foi bater às portas de um castelo. Recebeu-a o rei, pois ela disse que era princesa.

- Sou a princesa Magia.

- De que reino sois, formosa princesa? – perguntou o rei, encantado com a beleza da jovem que se dizia princesa.

- Meu pai é um rei muito rico. Eu tenho duas carruagens. Uma de prata

para as estações quentes – a prata me causa a sensação de frio. Puxada por oito cavalos brancos. E uma de ouro, que me dá sensação de calor, puxada por oito cavalos alazões, para as estações frias. Os cavalos alazões também me transmitem a sensação de calor.

- Em qual veio? – indagou o rei.

- Bondoso rei – respondeu a princesa. – Eu viajei muito e estou com fome e cansada. Sirva-me um prato de sopa, se vos apraz, e me dê uma cama para dormir e amanhã conversaremos.

O rei observou o vestido da princesa. Era de seda azul com minúsculas estrelinhas prateadas e ia até os pés. Ela não usava joias de nenhuma espécie, mas não precisava – as joias naturais de que a dotou a natureza se podiam ver por todo o corpo dela. A começar pelos cabelos, que eram finos e

dourados com matizes prateados como um trigal maduro. Deviam transmitir a sensação de calor, cogitou o rei. Os grandes olhos ligeiramente amendoados da princesa eram como duas águas-marinhas, translúcidas e de muito brilho – sensação de frio, catalogou o rei, o azul é uma cor fria, e o verde também é. O olhar da princesa no entanto era doce e sereno e nada tinha de frio. Talvez aquela relação que se estabelecia entre as cores e as temperaturas não fosse muito coerente, refletiu o rei. “De cabelos de oro, de dientes de perla, labios de rubí”, olhando a princesa o rei se lembrou nostálgico de uma antiga canção espanhola, de quando os mouros invadiram a Espanha. Ela era toda uma ilha do tesouro. Muito linda, suspirou o rei, que era velho e não podia mais se casar. Contudo a idade não o impedia de

apreciar a beleza feminina. O rosto era de uma formosura que partia o coração da gente, de um róseo nacarado e dourado, pele macia e sedosa, o corpo da princesa Magia tinha formas perfeitas, busto de bom tamanho, que não ultrapassava os limites da delicadeza – em seu reino, com a cirurgia plástica moderna, algumas mulheres entenderam de aumentar o tamanho do busto com recheio de um material chamado silicone. O rei desaprovava esse costume, achava feio mulheres com o busto muito grande, e estava pensando em assinar um decreto proibindo em todo o reino estas operações de vaidade e superfluidade, esses "enchimentos vazios", conforme os classificou. Magia era esguia, alta, esbelta, de delicadas espáduas, ombros bem-feitos, braços roliços, mas elegantes. Pernas elegantes,

compridas. Cinturinha fina que dava gosto olhar. E quadris muito bem proporcionados. E bem desenhados. Toda ela era uma joia, ela em si era uma joia, disse de si para si o rei.

- Onde está a carruagem na qual veio? – indagou o rei. – Em qual veio? Na de prata? Ou na de ouro? Suponho que na de ouro, pois é uma noite fria. Diga-nos onde deixou sua carruagem, formosa princesa, para que a criadagem trate dos cavalos alazões, recolha a carruagem e tudo o mais. Tem bagagem? E o restante do seu séquito? Não trouxe pajem? Nem dama de companhia?

A princesa Magia olhou o rei. Sugeriu que ele a alimentasse e lhe desse pousada por uma noite e deixasse as conversas para o dia seguinte, mas ao parecer o rei não concordou. Não disse nada quando ela falou, não demonstrou

de momento sua discordância, mas agora estava ali a exigir explicações, com impertinências. Magia não podia ficar satisfeita com a curiosidade do rei, se vinha de uma longa viagem e sentia fome e cansaço como disse. O rei nem era cavalheiro nem bom e hospitaleiro anfitrião. Olhou o rei, o rei a olhou, o olhar dela era vago e indefinível. Tanto podia significar descontentamento quanto... O rei assustou-se. Comiseração. Achou que viu nos olhos de Magia uma pontinha de misericórdia. Como se dissesse, "Esses pobres coitados não reconhecem uma princesa quando a vêem. São uns infelizes". Mas não disse nada. E parou de olhar. Também não respondeu.

O rei deixou-a sentada à mesa e disse:

- Vou ordenar que lhe tragam sopa.

E virou as costas e se retirou do aposento, seguido por seus auxiliares mais próximos.

Magia aguardou. Dentro de instantes uma mulher gorda, de turbante de cores berrantes na cabeça e calçando tamancos de madeira, lhe trouxe a sopa, numa terrina, e começou a comer. Trouxeram também uma jarra com leite de cabra e uma grande caneca, pois a princesa disse sentir fome e precisava alimentar-se bem.

Talvez tivesse atritos com o rei pai dela se não tratasse bem a filha dele, o rei poderia estar pensando.

O fato é que ele pôs sob suspeita o sangue azul da moça. Não acreditava nele.

* *

Na sala do trono, o rei sentou-se no trono, coroa na cabeça e cetro na mão e teve uma reunião com seus principais conselheiros e ministros.

Olhou um por um, sentado no trono.

- O que estão achando? – perguntou, após um aprofundado estudo das fisionomias.

Nenhum respondeu. Todos aguardavam que o rei se manifestasse. E então todos procurariam seguir na mesma direção indicada por ele. “É assim que se faz”, eles pensavam. “Ou do contrário pode haver mal-entendidos. Ou atritos. O rei sempre está certo”, arrematavam.

Diante do silêncio deles o rei logo voltou a falar.

- É uma moça muito bonita, eu gostei dela – disse.

- Todos a achamos bonita e gostamos dela – disseram os que tiveram oportunidade de ver a princesa.

- Se alguém no mundo parece ser uma princesa é ela – acrescentou o rei. – Se uma moça merece ser princesa é sem dúvida a jovem que se encontra do outro lado destas paredes. No entanto não basta querer ser princesa nem parecer, ou merecer. É preciso ser princesa.

- Muito bem falado – disse um.

Os conselheiros então se animaram a falar.

- Acha que ela mentiu, sire?

- Seria um atrevimento inaceitável – disse outro -, apresentar-se

no castelo do rei no meio da noite sem ser princesa e dizendo-se uma mas sendo na realidade uma moça plebeia.

- Nós precisamos averiguar – disse o rei, pensativo.

- Ainda tem dúvida?

Se o rei manifestava disposição de ir em uma direção tal, tamanho era o empenho dos súditos em seguir o rei que logo passavam à frente dele na caminhada – era um caso típico de mais realistas do que o rei. Se o rei voltava atrás de súbito em sua opinião, colidiam com ele [os que ainda não tinham passado à frente]. Esses faziam meia-volta e atropelavam-se no caminho de regresso nunca querendo afastar-se do rei e muito menos fazer oposição direta a ele. Estas colisões se verificavam com uma certa assiduidade, pois o rei era volúvel, ou inseguro, era inconstante,

quando o rei já tendo dado meia-volta e os súditos que iam em sentido contrário tendo feito o mesmo o rei tornava a mudar de opinião com mais rapidez do que os súditos eram capazes de prever as tendências atuais da política do rei, ele tornava a mudar, mudava de novo, os súditos ficavam como baratas tontas e os choques e as dispersões eram tanto frequentes quanto inevitáveis – verdadeiras emboladas ou pulverizações. Em geral um pedido de desculpas resolvia tudo. O rei procurava evitar atritos com os vassalos. Não havia motivos.

- Certas circunstâncias me deixaram um pouco apreensivo – disse o rei. – Ela diz chamar-se Magia, é princesa, filha de um rei de um reino distante. Não diz o nome do rei pai dela nem onde é esse reino. E além disso

viaja no meio da noite sem escolta, sem cavalos, sem carruagem... Onde estão as carruagens de ouro e de prata? E os cavalos alazões e brancos? E o cocheiro?

Os conselheiros se entreolharam.

- Acha que ela mente, majestade? – perguntou um.

- Não sei. Gostaria de saber. – O rei ficou pensativo e sonhador.

Gostaria que Magia fosse de fato princesa e não plebeia e ficar com ela no castelo, tê-la como hóspede por uns tempos. Seria esplêndido, uma temporada feliz no castelo. Logo a princesa o apresentaria ao rei pai dela e diria que foi muito bem tratada no castelo dele. Se fosse um reino que valesse a pena, como a princesa valia a pena, podia-se até pensar em unir as duas coroas por meio de um casamento. Que príncipe consorte não desposaria

com prazer uma princesa tão linda? E filha de um rei tão rico? Teve até medo de permitir que o príncipe herdeiro visse a princesa Magia e se apaixonasse. E se não fosse princesa?

Se não fosse princesa não a queria ter no castelo, por mais linda. A não ser que quisesse ser uma criada. Povidenciaria para que ela lhe arrumasse o quarto, e suas manhãs seriam mais agradáveis com uma criada que parecia princesa a lhe trocar os lençóis da cama e abrir as janelas de lés a lés, como a aurora no horizonte, para o sol entrar. Não gostava de gente falsa e mentirosa, não gostava de impostoras. Mas não tinha nada contra criadas lindas como princesas.

Enquanto ela esteve sob seus olhos o rei a observou o mais que pôde. Não perdeu um detalhe. E agora

recordava tudo, procurou evocar cada pedacinho de beleza daquela moça tão sedutora. E chegou à conclusão de que muitas princesas europeias ou russas não chegavam aos pés da beleza de Magia, fosse ela princesa ou não.

Mas devia ser, calculou. Nenhuma mulher poderia ser tão linda se não fosse princesa. E mesmo sem o ser não iria se submeter a ser criada, tinha certeza, e nesse caso podia desistir dos seus sonhos. Ela não demonstrou orgulho. Mas qual mulher com a beleza dela não sentiria orgulho? Qual se submeteria a um emprego aviltante de criada quando nasceu para ser princesa? Caso não fosse de fato uma princesa tratava-se de uma gritante injustiça. Contudo ter no castelo uma princesa que não era princesa estava fora de cogitações.

Terminou seus pensamentos, “Ela nasceu para ser princesa e sabe que nasceu para ser princesa”.

Ainda teve um outro pensamento, “Pena que não se possa dar um jeito nisso. Princesas não se fazem. As princesas nascem”.

* *

Os conselheiros e demais auxiliares observavam circunspectos o ar sisudo do rei. O rei mostrava-se sumamente preocupado. E eles se alarmaram. O soberano iria tomar a decisão mais severa? Até há bem pouco tempo enforcavam-se os inimigos do rei e quem quer que se fizesse passar por um membro da realeza sem o ser. Na

prática esse costume foi abolido, no tocante a se fazer passar por membros da família real – os inimigos do rei de todas as espécies continuavam a ser enforcados em praça pública.

No entanto ainda acontecia, ocasionalmente, em rincões distantes do reino ou em outros reinos. E impostoras e impostores eram decapitados.

Parecia ter-se criado um impasse. As atitudes drásticas se deviam evitar. Contudo para grandes males grandes remédios.

Até que um conselheiro atreveu-se a abordar o rei.

- Não está pensando em tomar medidas mais severas contra aquela mocinha na sala das armaduras, está? – perguntou o conselheiro, aproximando-se do trono, onde o rei permanecia sentado, imerso em dúvidas e

preocupações e considerações de toda ordem.

O rei olhou seu conselheiro como se despertasse de um sonho – ou um pesadelo. Procurou remover tudo o que havia em sua cabeça e lhe dificultava o pensamento direto e simples e encarou com firmeza o conselheiro.

- Eu estou pensando em tomar a medida mais severa de todas – respondeu, depois de curta hesitação.

O conselheiro arregalou os olhos.

- Eu não gosto de quem se faz passar pelo que não é, quem quer ser o que não é – acrescentou o rei, mais com mágoa do que com amargura, quase com rancor, como se o tivessem esbofeteado. Esbofetear o rei!

O conselheiro não saiu de seu espanto. A situação era grave.

- Com licença.

E se reuniu aos outros. Todos juntos, os conselheiros e consultores do rei discutiram a situação.

- O rei está pensando em adotar a medida mais severa para apurar se a moça é ou não quem diz ser.

Depois de muito confabular, um dos conselheiros propôs:

- Vamos falar ao rei.

- O que vamos dizer a ele? – perguntou outro.

- Vamos ponderar.

- O quê?

Não houve mais resposta.

Diante do rei, os súditos fizeram reverência.

- Talvez ela seja mesmo uma princesa, majestade – disse o porta-voz

dos conselheiros. – Acho muito bonita para que não o seja.

- Veremos – disse o rei. – Se ela é mesmo princesa não tem o que temer.
- Deve ser.
- Vamos descobrir.

Os conselheiros hesitaram.

- Achamos que talvez não houvesse necessidade de fazer a prova – um aventurou-se a dizer.

O rei encarou-o duramente.

- Por quê?
- Bem, pela dureza mesma dela, a prova, desumana – argumentou o conselheiro. – E também por me parecer não haver dúvida sobre a autenticidade da moça.
- Autenticidade? – duvidou o rei.
- Ela é uma princesa.

- Vai passar vergonha, majestade – interveio outro conselheiro. – Foi o que o lorde quis dizer. Ninguém que seja tão linda pode deixar de ser princesa.

- Se for eu peço desculpas a ela, envio um presente ao rei pai dela e não vejo motivo nenhum de vergonha. Só não posso é correr o risco de ter no castelo uma pessoa que se diz princesa sem o ser. Se não o é que vá ficar com a criadagem.

Se fosse só esta a pena a ser imposta à princesa Magia, em caso de comprovação de fraude, contentaram-se os conselheiros, dos males o menor. Mas cruzaram os dedos. E desejaram com fervor que o rei não mandasse decapitar uma mulher tão linda só por não ser princesa – caso não o fosse.

A prova a que a iria submeter era muito dura.

* *

A sala onde foi deixada a suposta princesa, dita sala das armas ou das armaduras, era na realidade o saguão de entrada do majestoso castelo, o primeiro aposento ao qual se chegava depois de transpor a entrada principal, uma enorme porta de carvalho com gonzos de ferro por onde poderia passar uma carruagem.

A mesa de madeira rústica e pesada à qual a princesa se sentou para a refeição se situava mais ou menos no centro do aposento – e ele era muito amplo e espaçoso de modo que as paredes mais próximas podiam distar até

dez ou doze metros, era mesmo um vasto salão, sem mais mobília. Estas paredes eram de pedra, blocos de pedra cinzenta empilhados uns sobre os outros, com um metro de extensão, sessenta centímetros de altura e, a princesa não sabia mas era, oitenta centímetros de espessura ou profundidade, para resistir a tiros de canhão.

O chão era da mesma espécie de pedra cinzenta das paredes, só que em forma de lajes cortadas mais finas. Junto às paredes viam-se armaduras medievais, com elmos, viseiras, lanças e espadas – e mais lanças e escudos e espadas pendurados nas paredes. Nas paredes se viam também archotes ou candeias queimando óleo ou gordura animal e que produziam uma luz amarela. Como eram poucos, todo o ambiente encontrava-se mergulhado em

penumbra. Era um lugar úmido e frio. O rei devia destinar um cômodo mais acolhedor para recepcionar seus convidados, achou a princesa. Estremeceu de frio e de medo. Tudo lhe pareceu assustador. O rei até que tinha ar benévolo, mas não gostou daqueles olhares de abutres que viu nos rostos de todos os que o rodeavam. Teve a impressão de que todos tramavam o assassinato do rei para usurpar-lhe o trono. Sentiu pena daquele rei. Mas parou de sentir ao se lembrar que tinha seu destino nas mãos dele.

Reinava um silêncio sepulcral na sala de armas e em todo o castelo. Magia aguardou. O que viria a seguir? Tomou toda a sopa e o leite de cabra, a sopa era suculenta e o leite de cabra bastante gordo, quase amarelo, de tanta gordura, mas saboroso. Um bom alimento. E por

haver bastante líquido saciou tanto a sua fome quanto a sede. Faltava o cansaço, precisava dar um jeito nele. Sentia sono. E um pouco de frio. Ajeitou a estola de veludo negro ao redor dos ombros e envolvendo o pescoço para se proteger do frio. E encolheu os pés para baixo do banco também de madeira rústica e pesada e da barra do vestido azul de seda igualmente para os proteger do frio.

As paredes de pedra cinzenta em volta dela eram tão altas que se perdiam de vista. Olhava para o alto e não via o fim delas, ou o teto, a partir de uma certa altura a sala das armas sumida em trevas, onde não alcançava a luz amarela das tochas queimando azeite enfiadas em nichos nas paredes.

E portas estreitas, umas mais largas, e escadarias e corredores para todo lado. Mas não viu uma única janela.

Calculou que o castelo fosse realmente grande.

Não se atrevia a se mover ou a sair de onde se sentou para fazer a ceia. Temia tudo o que não fosse a precária segurança de que desfrutou desde que se sentou ali para comer. Comeu e ninguém a importunou de nenhuma maneira enquanto comia. Também ninguém veio perguntar se queria mais. Pensou em chamar alguém, porém o medo era o mesmo – não parecia haver muita diferença entre chamar alguém ou levantar-se e ir procurar alguém. Sentia que cada passo que desse no castelo, sem ser autorizada, tomariam por indevido, arrogante, abuso, invasão de privacidade ou falta de respeito e provocação.

Aquela noite, a princesa Magia não teve que suportar o suplício da espera e da dúvida e incerteza por muito

mais tempo. Logo recomeçou a ouvir os passos do seu destino. Vinham de outro aposento e se aproximavam por um corredor.

Eles vieram por aquele corredor escuro, o rei e seu séquito. Deviam ser eles, de volta, presumiu a princesa. E fez o que pôde para se pôr à altura de enfrentar o seu destino.

* *

Em seu regresso a comitiva do rei veio muito aumentada. Cavalheiros e mais cavalheiros foram saindo pela boca do túnel, uma espécie de túnel, que era a saída do corredor. Até o bobo da corte veio, desta vez. E não havia mulheres, notou a princesa Magia. Se houvesse mulheres elas lhe infundiriam um pouco

de confiança, lhe dariam uma esperança, elas lhe transmitiriam certa segurança e o rei, ao parecer, não queria isto, queria era intimidar a princesa.

Eram muitos homens, eles vinham em formação clássica, coluna por um ou por dois, austeros, majestosos, com empáfia, como se fossem os donos não só do destino dela mas do destino de todos no mundo. Foram parando, um a um, e a rodearam.

Dois deles traziam uma escada de mão. Magia chegou a temer que a escada fosse para que subisse ao patíbulo onde seria enforcada.

Mas o rei adiantou-se e disse:

- Quer ter a bondade de nos acompanhar, princesa Magia? Está bem alimentada. Deseja mais alguma coisa? Nós vamos conduzi-la a seus aposentos para que passe a noite.

Magia olhou temerosa o rei e todos aqueles homens que a rodeavam, conselheiros e havia até alguns com armaduras de ferro e empunhando lanças ou maças.

- Posso me levantar? – perguntou timidamente.

- Por favor.

Magia não se mexeu e um escudeiro disse:

- Tem permissão do rei para se levantar, princesa.

Magia então se levantou.

- Acompanhe-nos, princesa, por favor – disse o rei, obsequioso. – É por aqui.

Magia tornou-se dócil. Sentia-se menos intranquila. O rei só ia lhe providenciar alojamento para que passasse a noite. Por que a iria enforcar? Que crime ela cometeu?

E se pôs em movimento e seguiu a comitiva. Era flanqueada por escudeiros e pajens do rei, o bobo da corte corcoveava, virava cambalhotas, dava saltos mortais e fazia cabriolas adiante dela, cavaleiros dentro de suas armaduras de ferro, elmos na cabeça e viseira puxada, empunhando lanças e espadas a cercavam por todos os lados, na frente e atrás – faziam o estrondo de ferragens de uma carruagem puxada por mil cavalos. O rei puxava o cortejo, com seu passo algo cansado mas ainda tentando lembrar o estilo marcial das paradas militares. Magia, encolhida em sua insignificância, calculou que no mínimo uns vinte homens a rodeavam. Quais seriam os desígnios deles? Talvez não tão bons quanto os do rei. E quais seriam realmente os projetos do rei?

Enveredaram por um corredor escuro e a comitiva afunilou-se. Em certas passagens precisavam marchar em fila indiana.

As mesmas opressivas paredes de pedra, os mesmos archotes nas paredes dando sua luz amarela, a mesma impressão de silêncio, frio e umidade e até mofo e desolação por toda parte. Muitos corredores e escadas. E o teto sempre a perder de vista, sumindo em trevas.

Em seguida a andanças pelo castelo que pareceram a Magia intermináveis, finalmente chegaram aos aposentos dela. O próprio rei abriu uma porta.

- Vai dormir aqui, princesa. Pode entrar. Ninguém a vai incomodar. Um pajem vai ficar na porta e se precisar de qualquer coisa é só chamar. Também

pode se trancar por dentro, se quiser, a porta tem chave.

Receosa, hesitante, a princesa entrou. Um serviçal entrou com uma lâmpada de azeite e a pendurou em um gancho em uma coluna de madeira. Magia olhou em volta e se viu em um aposento de dimensões regulares, não tão amplo quanto o salão mas também não era apertado. Ali o teto não era tão alto e dava para ver, mas as paredes ainda eram as mesmas, de pedras. Parecia mais uma masmorra do que um castelo, achou. E havia algumas colunas no caminho, quer de pedra quer de madeira como aquela onde o guarda do rei pendurou o lampião, que agora dava sua luz amarela ao aposento. Magia procurou firmar a vista para enxergar ao seu redor. Nos cantos havia muita

sombra. Avistou um monte de palha jogado em um canto.

Então aconteceu o mais inusitado de tudo. Dois dos pajens entraram com a escada. E a colocaram no lugar.

A princesa estranhou tudo.

- Onde vou dormir? – perguntou.

- Suba a escada, princesa. Vai dormir no alto daqueles colchões. A escada vai ficar no lugar, se quiser descer durante a noite. E o pajem fica na porta para lhe atender no que for preciso.

Magia sentiu-se atordoada.

- Quantos colchões há ali? – indagou, no auge do seu assombro.

- Nove – respondeu o rei.

- Preciso dormir no alto de uma pilha de nove colchões?

O rei sorriu pela primeira vez.

- Como convém a uma princesa – disse, já sem sorrir.

E não falou mais nada. Um a um todos os que entraram, e não foram muitos, nos aposentos da princesa se retiraram, a começar pelo rei, e ela ficou sozinha em seu quarto, contemplando a pilha de colchões no alto da qual devia dormir e a escada encostada nela.

Eles se retiraram dos aposentos da princesa e fecharam a porta ao sair.

Portanto era este o destino reservado pelo rei à sua hóspede. A prova dos nove colchões. A mais dura que existia para uma princesa de verdade.

* *

Todos se retiraram, o último a sair puxou a porta de mogno atrás de si e a deixou encostada, com uma fresta, para que a princesa soubesse que não estava presa, não se sentisse coagida e muito menos prisioneira. Ela que se trancasse por dentro, se quisesse, pois havia uma chave na fechadura. Ela não quis. Olhou a porta, encostada, com a fresta e deixou como estava. Sentia-se segura. Não a iriam atacar durante a noite, ninguém faria isto – quem o faria e por quê? E havia o pajem no corredor, ao lado da porta. Se precisasse dele, por qualquer motivo, com a porta aberta seria mais fácil chamar por ele. Foi informada de que o pajem montaria guarda na porta do quarto dela a noite toda e ela o podia chamar a qualquer hora por qualquer razão, se precisasse.